

## ***PRÓTESES: INVESTIGAÇÃO SOBRE OS DISPOSITIVOS QUE VESTIMOS***

Duarte, Livia Teixeira; Mestra; Universidade de São Paulo, liviatduarte@gmail.com<sup>1</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa investiga a relação do ser humano com as *próteses*, elementos esses que usamos junto ao corpo. O conceito aqui utilizado é similar ao de *Ser da Moda* em Acom e Moraes (2021), que as autoras definem como relação dos corpos com os artefatos por eles vestidos. Contudo, se estende também a *próteses* não tangíveis, como filtros de realidade aumentada e as próteses de gênero trabalhadas por Preciado (2019).

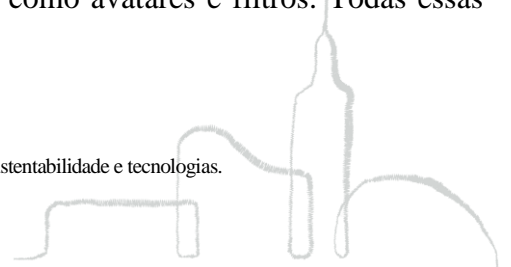
Existem muitas pesquisas importantes relacionando próteses com a moda e o design, mas acredita-se que essa relação pode ser mais explorada. Discutindo o seu uso e popularizando o assunto, contribui-se para desestigmatização desses aparatos, em processo semelhante ao que ocorreu com os óculos, que hoje são vistos como acessórios e não mais corretores de deficiências visuais.

O estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica e documental em artigos científicos, livros, matérias jornalísticas, informes comerciais e produtos audiovisuais, tendo sido adotada uma abordagem qualitativa. Uma fonte de suma importância foi o artigo de Dennis (2002). A partir dele foi possível observar que a visão que o ser humano teve das próteses foi bastante distinta nas diferentes culturas e épocas. Por exemplo, houve contextos em que possuir uma prótese foi sinônimo de poder e riqueza, enquanto em outros, motivo de vergonha. Dennis também faz uma interessante ligação das próteses com o conceito de Vale da Estranheza, que defende que, quando algo é muito semelhante ao todo ou parte do humano, isto lhe causa repulsa.

Na atualidade, é possível notar que os dois padrões de concepção das próteses coexistem. Novas tecnologias permitem que sejam criados dispositivos cada vez mais “realistas”, tornando certas deficiências imperceptíveis. Por outro lado, existem pessoas que alteram suas próteses da mesma forma que trocam de roupa e pensam nelas como expressões de sua personalidade, almejando que elas sejam vistas. Se pensarmos as *próteses* como tudo o que vestimos junto ao corpo, outro tipo de dispositivo que tem ganhado mais alcance são os *wearables* ou tecnologias vestíveis. Uma versão mais extrema dos vestíveis seria a prática do biohacking, em que pessoas inserem componentes, como imãs e outros sensores dentro dos seus corpos, de forma a ganhar novas habilidades. O mundo digital proporcionou que criássemos também próteses digitais, como avatares e filtros. Todas essas práticas tensionam os limites de um corpo como humano.

---

<sup>1</sup> Mestra em Têxtil e Moda pela Universidade de São Paulo. Atua como pesquisadora e educadora nas áreas do vestir, sustentabilidade e tecnologias.



Entretanto, a partir dos dados levantados e do pensamento de Haraway (2019), conclui-se que mais importante do que se debater esses limites e dualidades como homem/máquina, é refletir sobre as implicações do uso dessas próteses pelas pessoas, como elas afetam as relações sociais e a realidade dos indivíduos.

Como limitação de pesquisa podemos citar a utilização de apenas fontes bibliográficas e sugerir que sejam realizados estudos que envolvam relatos e opiniões de pessoas que utilizam próteses em seu dia a dia.

**Palavras-chave:** próteses; vestir; pós-humanismo.

